

Argumentação e aquisição: o que revelam os “dizeres” da criança sobre essa relação?

Carmem Luci da Costa Silva**

1 Introdução

A argumentação é um tema de bastante relevância nos estudos sobre a língua, podendo ser postulada, por muitos, como um princípio constitutivo do dizer. É a partir da perspectiva argumentativa de estudos da língua que pretendemos desenvolver este trabalho, mais especificamente a partir da semântica argumentativa proposta por Ducrot, Anscombe, Carel e colaboradores, os quais têm como pressuposto básico que “a argumentação está na língua”.

Como objetivo principal, temos a intenção de conhecer e mostrar as possíveis contribuições da Teoria da Argumentação para a compreensão das manifestações linguísticas da criança, levando em conta principalmente a noção de *modificadores*. Os dados infantis serão analisados segundo a Teoria e servirão apenas como “amostra” da argumentação presente no dizer da criança.

2 Enunciação, argumentação e aquisição

A Teoria da Argumentação na Língua, defendida por Ducrot, Anscombe e colaboradores, consiste em descrever os sentidos dos enunciados, questionando o caráter referencial da lin-

* Este texto é produto de pesquisa desenvolvida junto à UFRGS, intitulada *Um estudo polifônico da linguagem da criança*, que conta com a participação do Prof. Dr. Valdir Flores e da Bolsista FAPERGS Maira Azevedo. Agradecemos ao Prof. Valdir pela leitura atenta deste texto e pelas sugestões dadas.

** Profa. Mestre junto ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da UFRGS.

guagem. Ducrot, como seguidor de Saussure, defende que a linguagem não descreve diretamente a realidade (valor referencial das palavras). Assim, seu trabalho apresenta a noção básica de que a língua, realizada em enunciados (segmentos de discurso), não pode ser reduzida à função informativa. Por isso, descarta o pressuposto referencialista, em que a descrição é baseada nas condições de verdade, e o pressuposto cognitivista, em que a explicação do sentido é baseada no pensamento. Para ele, o sentido dos enunciados é constituído não em referência ao extralingüístico ou ao pensamento, mas pelas *relações* que ligam os enunciados, os segmentos no interior dos enunciados e as próprias palavras. Tais relações são de natureza argumentativa.

Em Ducrot (1987) temos a definição de *enunciação* como o acontecimento histórico (e, portanto, único) de aparecimento de um enunciado. Nesse sentido, a *enunciação*, para ele, é um *processo*, cujo *produto* é o *enunciado*. Com isso, concebe a Teoria da Argumentação na Língua como preocupada em interpretar o *sentido* dos *enunciados*. Tal sentido, conforme o autor, é a descrição que ele dá de sua *enunciação*. Por isso, tornam-se importantes, no quadro dessa Teoria, as noções de *frase*, *enunciado*, *significação* e *sentido*. Como explicar a relação entre a tese "a argumentação está na língua" e o propósito da Teoria em descrever o sentido do *enunciado*, que é produto/realização? Todo *enunciado*, que está no nível do observável, tem como correspondente a *frase*, que está no nível do constructo teórico lingüístico. A *frase*, concebida como uma entidade abstrata, apresenta uma *significação*, que contém *instruções* sobre o *sentido* dos enunciados. A *frase*, dessa maneira, fornece *pistas* a serem retiradas do contexto para atribuir-se *sentido* aos *enunciados*. Por isso, a Semântica Enunciativa proposta por Ducrot procura dar conta do *processo* (*enunciação*) e do *produto* (*enunciado*), verificando em tal *produto* as marcas do *processo* em sua relação com uma estrutura abstrata (*frase*). Ao procurar dar conta dessa relação *enunciação/enunciado/frase*, Ducrot concebe como núcleo do *sentido* um "fazer" e não um "informar". Falar não é descrever ou informar, mas dirigir tal fala para certas conclusões. Dizer "esse doce é bom" não é descrever o doce, é argumentar em favor do doce. Durante a sua *enunciação*, o locutor dá indicações sobre o caminho que escolheu e o intérprete tenta reconstruir esse itinerário a partir das indicações fornecidas.

Dentro de tal perspectiva podemos levantar a seguinte questão: como funciona, em nível de análise de fenômenos particula-

res, a argumentação? A resposta parece-nos estar no próprio esboço da Teoria, em que a referência é interna, pois o sentido de um enunciado não remete a objetos do mundo exterior, mas a discursos dos quais é a continuação, ou aqueles suscetíveis de sê-lo. Nesse sentido, a língua não remete a nada além de si mesma.

Pensamos com essa pequena síntese ter estabelecido, de certa forma, a relação *enunciação/argumentação* na perspectiva da Teoria da Argumentação na Língua.

Por que nosso interesse em investigar a argumentação na fala infantil? Sabemos que os estudos que investigam a aquisição da linguagem concebem esta como um processo pelo qual a criança adquire os sistemas fonológico, morfológico, sintático e semântico da língua à qual a criança está exposta. Conforme coloca Lyons (1987), o termo *aquisição da linguagem* é normalmente usado sem ressalvas para o processo que resulta no conhecimento da língua nativa. Levando em conta a tese central dos trabalhos de Ducrot, Anscombe e colaboradores de que "a argumentação está na língua", então pensamos que a criança, juntamente com os níveis lingüísticos já citados, também adquire, no nível semântico, aspectos argumentativos que possibilitam o encadeamento entre os segmentos por ela produzidos.

Devido às limitações deste trabalho, não procuraremos mostrar a aquisição da argumentação, visto que não evidenciaremos o percurso desenvolvimental dos sujeitos da amostra, mas sim mostrar que, as crianças, independentemente da faixa etária, evidenciam em suas falas elementos argumentativos, orientando o interlocutor para determinadas conclusões. Por isso, ilustraremos, com dados de crianças de diferentes idades, a questão dos *modificadores*, com o propósito de evidenciar a argumentatividade presente na fala infantil.

Neste estudo, temos como finalidade apenas elucidar o leitor acerca de alguns conceitos importantes da Teoria (cf. seção 2) e desenvolver a noção de *modificador* na seção 4.1, elemento eleito para a análise que faremos e, de forma nenhuma, pretendemos apresentar a Teoria da Argumentação na Língua, que consideramos exaustiva e complexa para os objetivos deste trabalho, que visa mostrar a pertinência de algumas questões levantadas pela Teoria, como o caso dos *modificadores*, para os estudos da fala infantil e justificar a inclusão da argumentação junto às questões de interesse no âmbito dos estudos em aquisição da linguagem.

3 Metodologia

O "corpus" em investigação representa um recorte daquele já constituído por Silva (1996), em que a coleta é do tipo *transversal*, abrangendo a faixa etária de 2;5 a 5;5. Além dessa faixa, incluímos uma criança menor, de 1 ano e 8 meses, a fim de verificarmos a argumentatividade em fase anterior a 2 anos e 5 meses. As crianças são falantes nativas do português, residentes na região metropolitana de Porto Alegre, interior do Estado e Grande Porto Alegre.

Selecionamos do *corpus* narrativas orais pessoais e ficcionais e, neste texto, mostraremos a análise empreendida em tais narrativas de quatro crianças de faixas etárias distintas: Franciele (1;8), Ana (3;1), Bruno (3;6) e Sabrina (4;9).

Os procedimentos utilizados no momento da entrevista constituem elementos importantes para a obtenção de dados naturais, pois é fundamental que o informante fale de maneira espontânea, mesmo em presença de uma pessoa não tão familiar – o entrevistador. Assim, os dados aqui utilizados têm o mesmo procedimento de coleta já descrito em Silva (2001).

4 Os modificadores e a argumentação nos enunciados da criança

4.1 A noção de modificadores

Na ampliação dos trabalhos no âmbito da Teoria da Argumentação na Língua, Ducrot (1995) mostra que certos tipos de palavras funcionam como um *modificador*, agindo sobre a força argumentativa de outra palavra. Essa noção de *modificador* está ligada à questão dos *topoi*, pois o autor mostra que certos fatos da língua atestam a gradação intrínseca dos predicados. Nesse sentido, evidencia que os *topoi* podem ser aplicados com maior ou menor força, o que faz com que assinale que as palavras lexicais têm, além de uma semântica própria, uma *gradação inerente*. Para mostrar esse fato, estuda o comportamento de certos *modificadores*

¹ Os dados das faixas etárias de 3;6 a 4;5.29 e 4;6 a 5;5.29 foram cedidos pela Professora Margarete Schlatter, tendo sido coletados por alunas na disciplina de "Aquisição de Língua Materna" (semestre 1/1993) do Curso de Pós-Graduação em Letras/UFRGS e juntamente com os dados da faixa dos 2;5 aos 3;5 fazem parte do *corpus* de Silva (1996). Os demais dados apresentados fazem parte da coleta para o desenvolvimento da pesquisa intitulada *Um Estudo Polifônico da Linguagem da Criança*. Tais dados encontram-se no Banco de Dados do Projeto "Desenvolvimento da Linguagem da Criança em Fase de Letramento" (Guimarães, 1992).

(adjetivos e advérbios) que acompanham os *predicados* da língua (nomes e verbos), justificando, de um ponto de vista lingüístico, que tais *modificadores* aumentam ou diminuem a força de um *predicado*. São esses *modificadores* denominados, na Teoria, de *realizantes* e *desrealizantes*.

Para exemplificar tais fenômenos, tomemos como ponto de partida os enunciados abaixo:

- (1) Paulo apresentou, na reunião, um problema difícil.
- (2) Paulo apresentou, na reunião, um problema fácil.

São *modificadores* os adjetivos "difícil" em (1) e "fácil" em (2). No entanto, em (1), o adjetivo "difícil" provoca um fortalecimento do potencial argumentativo de "problema", sendo, por isso, considerado um *modificador realizante* (MR) e, em (2), o adjetivo "fácil" provoca um enfraquecimento do potencial argumentativo de "problema", sendo denominado de *modificador desrealizante* (MD). Ducrot (op.cit.) distingue os *modificadores realizantes* dos *desrealizantes*, definindo que uma palavra lexical Y é considerada *modificador realizante* (MR) em relação a um predicado X se a relação XY possui uma força argumentativa superior àquela de X e de mesma orientação. No exemplo "Ele avançou rapidamente", o grupo "avançou rapidamente" (XY) tem mais força do que apenas o verbo "avançou" (X). Já uma palavra Y é considerada um *modificador desrealizante* (MD) em relação a uma palavra X se o sintagma XY tem uma orientação inversa ou uma força argumentativa inferior àquela de X. No exemplo "Ele avançou lentamente", o grupo "avançou lentamente" (XY) tem uma força argumentativa inferior à da palavra "avançou" (X).

Em texto presente nesta revista, denominado *os internalizadores*, Ducrot (2002) redefine a noção de *modificador*, levando em conta a Teoria dos Blocos Semânticos (Carel, 1995; 1997; 1998; 2001; Carel e Ducrot, 1999), pois, conforme tal Teoria, há dois encadeamentos argumentativos básicos, ligados pelos conectores *donc* (portanto) e *pourtant* (no entanto), que relacionam seqüências, formando *blocos semânticos*. No primeiro caso, os encadeamentos contêm o *aspecto normativo*, enquanto, no segundo, o *transgressivo*. Tais aspectos podem estar associados a uma palavra, levando-se em conta a *argumentação interna* da mesma. A *argumentação interna* (AI) é uma reformulação ou paráfrase, como, no exemplo, *João é prudente*, que pode ser parafraseado por *"Se há perigo, João toma precauções"*, em que a palavra *prudente* tem, em sua *argumentação interna* (AI), o *aspecto normativo* "perigo PORTANTO precaução".

A partir dessas noções, Ducrot redefine *modificador* da seguinte maneira: um termo é *modificador* de uma palavra X se o sintagma XY é formado só com palavras plenas contidas na *argumentação interna* da palavra X. Assim, Y (*modificador*) não introduz nenhum termo novo nos aspectos que constituem a argumentação interna de X, mas procura reorganizar o sintagma com uma nova combinação. Isso pode ser visto no exemplo *problema fácil*, em que *problema* (X) tem, em sua argumentação interna (AI), o *aspecto transgressivo* "esforço NO ENTANTO não-compreensão", enquanto *problema fácil* (XY) terá, em sua argumentação interna (AI), o *aspecto normativo* "esforço PORTANTO compreensão".

Estabelecida, de maneira sintética, a noção de *modificadores*, tentaremos mostrar o funcionamento destes na fala da criança e sua relação com a argumentação.

4.2 Os modificadores: uma análise em encadeamentos argumentativos infantis

Estabelecidos os conceitos relevantes para o nosso estudo, pretendemos mostrar algumas análises empreendidas em alguns encadeamentos argumentativos produzidos pela criança, retirados de situações de interação da criança com um interlocutor adulto. Salientamos o caráter preliminar dessas análises, visto ser uma pequena amostra de um estudo ainda em andamento.

Caso 1:

Franciele (1;8)

Situação: Franciele usa a expressão de xingamento "droga" sempre que algo não dá certo em suas brincadeiras, no que a mãe seguidamente a repreende. Certo dia, a criança está brincando com a mãe perto e algo não dá certo em sua brincadeira e ela diz:

*FRA: dó +...

%com: a criança inicia a falar "droga".

*MÃE: Franciele [!]

%com: a mãe repreende.

*FRA: dóguinha. (= droguinha)²

Na situação acima, temos que a AI de X (droga) contém o *aspecto normativo* "frustração PORTANTO xingamento", que é atenuada pelo diminutivo *-inha*. Então temos a AI de XY (droguinha) como "frustração NO ENTANTO não-xingamento". Isso evidencia que o diminutivo *-inha* funciona como um *modificador*, pois atenua o potencial argumentativo da palavra *droga*, iniciada pela criança, que, com a repreensão da mãe, reorienta argumentativamente o seu dizer.³

Gostaríamos de salientar que o estudo de Ducrot (1995; 2002) não prevê o uso de sufixos como *modificadores*, mas apenas de palavras instrumentais, entretanto, a grande incidência de diminutivos nos dados das crianças fez com que observássemos o funcionamento dos mesmos. Isso nos levou a verificar uma relação argumentativa entre a base de palavra plena e o sufixo diminutivo, o qual parece funcionar como um *modificador*, uma vez que atenua a força argumentativa da raíz da palavra, o que pode ser observado como uma negação atenuada dos sentidos evocados pela palavra plena. Isso pode ser visto pela AI de "droga", que possui o *aspecto normativo*, enquanto "droguinha" contém o *transgressivo*.

Caso 2:

Situação: Ana está, em sua casa, relatando para o entrevistador, um acontecimento.

*ANA: eu me machuquei aqui na minha boca [= aponta para a boca]

*CAR: o que que tu fez que machucou a boca?

*ANA: com a escova.

(...)

*ANA: quando eu tô com as minhas duas boneca-0s e daí eu bo-tei na boca tava quase saindo sangue *daí eu tirei a casca tava quase saindo sangue*.

Na narrativa de Ana, percebemos um encadeamento argumentativo entre "tirar a casca" PORTANTO "sair sangue". Nesse encadeamento, temos um palavra X "saindo" sendo modificada

² O trabalho de transcrição foi realizado com base no programa CHAT, do sistema CHILDES (Mac Whinney & Snow, 1991), que foi adaptado para o português do Brasil no projeto "Desenvolvimento da Linguagem da Criança em Fase de Letramento" (Guimarães, 1992). As marcas que utilizaremos neste estudo estão descritas, em anexo, no final do texto.

³ Gostaríamos de observar que a análise dos dados de Franciele leva em conta a situação de enunciação anterior à pronúncia da entidade X "droga", que é frustração, e, além disso, que a modificação sofrida por tal entidade ocorre devido à fala do "outro" (repreensão da mãe). Tais fatos não são contemplados pela versão atual da Teoria da Argumentação da Língua, o que talvez possam ser melhor explicados, levando-se em conta a relação entre a Teoria Polifônica e a Teoria dos Blocos Semânticos. Procuraremos, quem sabe, estabelecer tal relação em estudos posteriores.

por Y "quase", em que temos, na AI de *sair*, o *aspecto normativo* "retirar casca PORTANTO verter sangue". O potencial argumentativo da palavra plena X *sair* é atenuado pela palavra Y *quase*, o que faz com que a AI de XY tenha o *aspecto transgressivo* "retirar a casca NO ENTANTO não verter sangue". Assim, vemos que o potencial argumentativo de "sair" é modificado em função do uso da palavra *quase*. Nesse sentido, a AI do encadeamento argumentativo acima citado, com o uso de *quase* sofre uma reorientação e, com isso, o *locutor* parece, argumentativamente, redimir-se de seu gesto de "tirar a casca do ferimento".

Caso 3:

Bruno (3;6)

Situação: Bruno está contando para a entrevistadora, que foi até a sua escola, algumas brincadeiras suas e, inserida em um relato maior, vem a narrativa abaixo:

*BRU: sabia que +...

*CAR: ++hum?

*BRU: +, que [/] que +...

*CAR: ++ que o quê?

*BRU: +, que eu tenho um cachorrinho mas é pequeno # mas tenho um maior # mas ele tem um pijama azul que nem o meu.

No "dizer" de Bruno acima, selecionamos para análise o encadeamento argumentativo destacado e nele verificamos que a sua AI contém o *aspecto normativo* "cão NO ENTANTO usar roupa". Esse aspecto é dado pela modificação que sofre a palavra plena "cachorro", que agrega o morfema diminutivo "-inho", já explicitado no caso de Franciele, atenuando o seu potencial argumentativo. Assim, "cachorro", que teria em sua AI o *aspecto normativo*, com o segundo segmento negativo, "cão PORTANTO não usar roupa" tem essa atenuação enfatizada com o uso de *pequeno*, em que o sintagma XY *cachorrinho pequeno* tem em sua AI o *aspecto transgressivo*, em que o segundo segmento é afirmativo "cão NO ENTANTO usar roupa"⁴, ou seja, "cachorrinho pequeno" é uma causa para a consequência "ter um pijama azul". Interessante observar, ainda, que essa reorientação argumentativa já é dada explicitamente pelo *locutor*, quando usa o articulador *mas* para relacionar *cachorro* e *pequeno*.

⁴ Ressaltamos o fato de que é o aspecto normativo de X que contém a negação em seu segundo segmento, e não o aspecto transgressivo de XY, o que difere dos exemplos estudados por Ducrot (2002).

Caso 4:

Sabrina (4;9)

Situação: a criança relata, em sua escola, à entrevistadora uma narrativa ficcional.

*SAB: era uma vez um coelhinho ele era muito bom ele andava dando os presente-0s e os ovo-0s daí o gurizinho disse +"/.

*SAB: + "ô coelhinho.

*SAB: e daí o coelhinho veio # a coelhinha tava na casa.

*ENT: hum+hum@i terminou a história?

%ato: responde positivamente com a cabeça.

*ENT: muito bem.

Na narrativa de Sabrina, selecionamos o encadeamento argumentativo destacado e nele verificamos o *aspecto normativo* "animal bom PORTANTO presentear". No primeiro segmento, já observamos a exploração pelo *locutor* do morfema diminutivo *-inho* que vai atenuar a AI de "coelho", que tem o *aspecto normativo* "animal PORTANTO não-presentear". Além disso, utiliza a palavra Y "bom", reforçando essa atenuação, em que XY passa a ter em sua AI o *aspecto transgressivo* "animal NO ENTANTO presentear". Esse *aspecto transgressivo* dado pela combinação do *modificador* "bom" à palavra plena "coelho" confere um potencial argumentativo ao primeiro segmento "coelhinho bom" do *bloco semântico* acima evidenciado, o que justifica a consequência "dar presentes".

5 Conclusão

Os nossos dados nos encaminham a tecermos algumas considerações, ainda que preliminares, que talvez sejam interessantes, levando em conta a noção desenvolvida por Ducrot para os *modificadores* e o funcionamento argumentativo da fala da criança.

Como colocado, pretendemos, neste trabalho, evidenciar a argumentatividade presente na fala da criança, através da verificação da relação argumentativa estabelecida entre uma entidade X e outra Y em seus encadeamentos argumentativos. Com isso, mostramos, na fala da criança, os movimentos argumentativos impostos pelos *modificadores* nos encadeamentos que intervêm.

As análises com dados de crianças empreendidas a partir da Teoria da Argumentação na Língua parecem evidenciar que a criança, independentemente da faixa etária, conhece a argumentação inerente às palavras da língua, o que lhe possibilita relacionar tais palavras, muitas vezes, reorientando argumentativamente o seu dizer, como ocorre quando usa os *modificadores*.

Além disso, observamos que, embora a Teoria da Argumentação leve em conta como *modificador* apenas palavras instrumentais, o uso de *diminutivos* parece funcionar na fala infantil do português do Brasil como um *modificador*, visto ter uso bastante frequente no "dizer" da criança. Isso se justifica pela reorganização ou pela reorientação provocada por estes na *argumentação interna* das palavras plenas, quando combinados às raízes das mesmas.

A outra questão que os dados apontam diz respeito ao fato de que determinados *modificadores*, como seria o caso de diminutivos, parecem ter uso reiterado na fala da criança, e não do adulto. Tal observação sobre a diferenciação entre o funcionamento argumentativo de enunciados da criança e do adulto já havia sido colocado por Silva (2001).

Como já salientado na introdução deste texto, pretendemos mostrar as possíveis contribuições da Teoria da Argumentação para a compreensão das manifestações lingüísticas da criança, levando em conta principalmente a noção de *modificadores*. Salientamos que os dados infantis analisados são apenas uma "amostra" da argumentação presente no dizer da criança, o que nos proporcionou chegar a algumas conclusões, ainda provisórias, mas que, quem sabe, em trabalhos posteriores, poderão encaminhar-nos a achados importantes na exploração que estamos há algum tempo empreendendo das noções desenvolvidas pela Teoria da Argumentação na fala infantil.

Referências bibliográficas

CAREL, M. *Ambivalence et théorie des blocs sémantiques*. Florianópolis, 2001. (Conferência)

———. L'argumentation dans le discours: argumenter n'est pas justifier. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: EDIPURS, mar. 1997, n. 107.

———. *Pourtant: Argumentation by exception*. *Journal of Pragmatics* 24, 1995, p. 167-188.

———. *Prédication et Argumentation*. *Fórum lingüístico*. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Pós-Graduação em Lingüística. n. 2. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1998.

———; DUCROT, O. Le problème du paradoxe dans une sémantique argumentative. *Langue française* 123, sept. 1999.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Revisão técnica da tradução Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1987.

———. Os internalizadores. Tradução Leci Barbisan. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: EDIPUCRS, n. 129, set. 2002, p. 7-26.

———. Os modificadores desrealizantes. *Journal of Pragmatics* 24, 1995, p. 145-165.

GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos. *Desenvolvimento da linguagem da criança em fase de letramento*. Porto Alegre: UFRGS. Projeto de Pesquisa, 1992.

LYONS, J. *Lingua(gem) e lingüística*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

SILVA, C. L. Os princípios argumentativos subjacentes à polifonia da fala infantil. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: EDIPUCRS, dez. 2001, v. 36, n. 4, p. 97-126.

ANEXO

Marcações utilizadas na transcrição dos dados³

Marcações de início de linha

- * marca a linha principal: turnos de fala dos participantes da entrevista;
- % marca a linha secundária: comentários, explicações sobre certas ocorrências da linha principal.

Participantes

- *LUC: entrevistador (primeiras três letras do nome do entrevistador, por exemplo, Luciana)
- *JUL: três primeiras letras do primeiro nome da criança.

Marcações especiais

- @i usa-se esse símbolo após termos que servem como elementos interacionais;
 - @o usa-se esse símbolo após itens onomatopáicos.
- Símbolos de palavras
- xxx marca-se com esse símbolo quando não se pode ouvir ou entender o que o falante está dizendo.

Símbolo morfológico

- 0s indica omissão de plural nos nomes.

Pausas

- # pausa curta;
- ### pausa longa;
- %com: silêncio – pausa muito longa entre os turnos.

Citação

- +"/. indica que há citação na linha seguinte;
- +". indica que há citação na linha anterior;
- +” marca a fala citada.

Repetições

- [/] indica que a palavra ou expressão anterior é repetida sem alteração;
- [//] indica que a palavra ou expressão anterior é repetida com alteração.

Sobreposição de vozes

- [>] utiliza-se no enunciado sobreposto;
- [<] utiliza-se no enunciado que sobrepôs.

Símbolos Correlacionais

- +... indica enunciado incompleto;
- +₁ indica retomada do enunciado incompleto pelo mesmo falante;
- +₂ indica retomada do enunciado incompleto por outro falante.

Substituição

- [: texto] o(s) elemento(s) entre colchetes indicam a forma adequada equivalente à pronunciada.

Dêixis

- [= texto] usado para breves explicações, especificando a identidade dêitica de objetos e pessoas.

Eventos paralingüísticos

- [=! texto] – usado para explicitar eventos não-verbais como o riso.

Ênfase

- [!] indica que a palavra precedente foi enfatizada.

Enunciado gestual

- 0. usa-se, na linha principal, para indicar a utilização de gesto, equivalendo a um enunciado.
- %ato especifica-se, em linha secundária, o gesto feito pela criança.

Dúvida

- [?] indica que uma palavra ou frase foi transcrita sem o total entendimento do transcritor, que supõe o que foi dito e após coloca tal sinal.

³ Na transcrição dos dados, a fala da criança é codificada conforme o sistema da escrita, i.e., com segmentos que são passíveis de omissão na oralidade. Segundo o programa CHAT, a transcrição fonológica envolveria uma linha dependente, após a principal. Visto nosso trabalho não se situar nessa 'área de conhecimento', consideramos desnecessária essa linha de transcrição.

ANÁLISE DO DISCURSO

Para a realização do livro uniram-se os estudiosos eruditos: Jorge Lozano, Cristina Peña-Marin e Gonzalo Abril, para Ediciones Cátedra S.A, Gustavo Laranja e Denise Radanovic Vieira traduziram o livro para Littera Mundi.

O livro trata de semiótica. O prefácio tem uma frase esclarecedora: "é um livro de semiótica textual. Nele se aborda o exame do texto a partir de alguns pontos de vista que consideramos pertinentes". O livro desenvolve-se em cinco grandes capítulos abrangendo 316 páginas ricas de explicações.

Capítulo I – O TEXTO, objeto semiótico, processo semiótico, forma de intercâmbio.

Capítulo II – Qualificações e Transformações modais: conceito de modalidade; competência do sujeito; as figuras da manipulação.

Capítulo III – Sujeito, Espaço e Tempo no Discurso: situação de enunciação e dêixis; as formas enunciativas; níveis e personagens enunciativas; a palavra própria e a alheia, identificação e distância.

Capítulo IV – A ação discursiva; linguagem e ação; fazer o que se diz; Locução, ilocução e perlocução; fazer do não dito; atos ilocutórios indiretos.

Capítulo V – Para uma semiótica da interação discursiva.

O livro conclui com dois parágrafos: "Nosso trabalho supõe, em todo caso, uma limitada intervenção em favor de uma teoria do discurso que deverá situar-se na encruzilhada de diversas perspectivas".

"Se uma perspectiva teórica é, sobretudo, um sistema virtual de perguntas, neste livro fizeram-se efetivas algumas perguntas semióticas sobre o discurso. Novas perguntas dar-nos-ão respostas".

Prof. Ir. ELVO CLEMENTE

- **MUNDO JOVEM**
Jornal de idéias e reflexões para jovens, vinculado à Faculdade de Teologia - *Mensal*
- **PUCRS INFORMAÇÃO**
Revista informativa - *Bimestral*
- **VERITAS**
Revista de estudos de Filosofia - *Trimestral*
- **LETRAS DE HOJE**
Revista de estudos de Linguística, Literatura e Língua Portuguesa - *Trimestral*
- **TEOCOMUNICAÇÃO**
Revista de estudos de Teologia e áreas afins - *Trimestral*
- **REVISTA DE MEDICINA DA PUCRS**
Revista da Faculdade de Medicina e Instituto de Geriatria - *Trimestral*
- **EDUCAÇÃO**
Revista do Curso de Pós-Graduação em Educação - *Quadrimestral*
- **ANÁLISE**
Revista da Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia - *Semestral*
- **BIOCIÊNCIAS**
Revista da Faculdade de Biociências - *Semestral*
- **BRASIL/BRAZIL**
Revista de Literatura Brasileira e Literatura Comparada Editada pela PUCRS e Brown University - *Semestral*
- **COMUNICAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA**
Anual
- **DIVULGAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA**
Anual
- **ESTUDOS IBERO-AMERICANOS**
Revista de estudos sobre a História e a Literatura Ibero-Americana do Curso de Pós-Graduação em História - *Semestral*
- **ODONTO CIÊNCIA**
Revista da Faculdade de Odontologia - *Quadrimestral*
- **PSICO**
Revista da Faculdade de Psicologia - *Semestral*
- **REVISTA FAMECOS – mídia, cultura e tecnologia**
Revista da Faculdade de Comunicação Social – *Quadrimestral*
- **SESSÕES DO IMAGINÁRIO**
Revista de Cinema da Faculdade de Comunicação Social – *Anual*
- **DIREITO & JUSTIÇA**
Revista da Faculdade de Direito - *Semestral*
- **ACTA MÉDICA**
Registro dos formandos da Faculdade de Medicina – *Anual*
- **CIVITAS**
Revista de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - *Semestral*